

Produção Animal nos Campos Inundáveis

Quinta-feira, 18 de setembro de 2008
Newton de Lucena Costa

1. Introdução

Os rios da Amazônia estão sujeitos a um período de enchentes, durante o qual a água transborda dos seus leitos e invade as áreas marginais, inundando-as em diferentes graus de intensidade. A maioria dos rios traz em suas águas consideráveis quantidades de sedimentos e no transcorrer das enchentes esses detritos minerais e orgânicos se depositam sobre as margens, proporcionando grande fertilidade e valor para a produção intensiva de alimentos (Lima, 1986). O processo de sedimentação se repete em todas as inundações e o incremento de fertilidade resultante de novas colmatagens permite a exploração agrícola dessas áreas, anos consecutivos, sem que haja declínio da produtividade que comprometa os resultados econômicos das culturas agrícolas. As primeiras tentativas de utilização agrícola das várzeas da Amazônia brasileira remontam ao início do século XVIII e foram realizadas pelos padres jesuítas, carmelitas e franciscanos, nas fazendas estabelecidas no estuário amazônico (Lima, 1986). As várzeas litorâneas são aquelas formadas no baixo curso dos rios que desaguam diretamente no Oceano Atlântico, tendo as suas nascentes próximas ou distantes da orla marítima. Estão localizadas na costa amapaense, nordeste do Pará e noroeste do Maranhão. Dentre os rios em que ocorre esse tipo de várzea destacam-se o Araguari, Flechal, Calçõene, Cassiporé, Oiapoque e Uaçá, no Amapá; o Pericumã, Turiaçu e Maracassumé, no Maranhão e Marapanim no Pará (Lima, 1986).

2. Pastagens Nativas

As pastagens nativas têm desempenhado um papel extremamente importante na região Amazônica. Até início da década de 60, antes do advento das rodovias de integração da Amazônia, a pecuária de corte na região era baseada quase que exclusivamente na exploração extensiva das pastagens nativas. Com a abertura das rodovias de integração, que propiciaram a expansão da pecuária em áreas de floresta, as pressões sobre as pastagens nativas foram reduzidas. No entanto, a utilização mais intensiva dos ecossistemas de pastagens nativas poderá contribuir para a diminuição da pressão da pecuária nas áreas de floresta da região (Serrão, 1986). Considerando-se o aspecto hidrológico, as pastagens nativas da região Amazônica foram classificadas como pastagens nativas de áreas inundáveis – que incluem as áreas de pastagens sujeitas a inundações permanentes ou periódicas, como as áreas de pastagens das várzeas do baixo e médio Amazonas e os campos da ilha do Marajó – e as pastagens nativas de terra firme, que incluem as pastagens nativas de savanas tipo cerrado (Serrão e Simão Neto, 1975; Serrão e Falesi, 1977).

2.1 Campos Inundáveis do Amapá

As formações pioneiras compreendem áreas sedimentares de formação recente, ocupando uma faixa litorânea desde a foz do rio Oiapoque até o estuário do rio Amazonas. Abrange uma superfície de 17.445 km². As formações pioneiras compreendem áreas sedimentares de formação recente, ocupando uma faixa litorânea desde a foz do rio Oiapoque até o estuário do rio Amazonas. Abrange uma superfície de 17.445 km², equivalente a 12,44% do Amapá, sendo representada por duas sub-regiões: mangues e campos inundáveis. Os solos da região são principalmente os Hidromórficos Gleyzados e em pequena escala as Lateritas Hidromórficas (Brasil, 1979). Os Gleyzados desenvolveram-se sobre sedimentos recentes, com textura de franco-argilo-siltoso e argilo-siltoso, mal drenados, de boa fertilidade e moderada acidez. As Lateritas são formadas por sedimentos terciários e quaternários, ocorrendo nos tesos e em áreas baixas inundáveis. Possuem fertilidade natural baixa, elevada acidez e drenagem imperfeita (Peres et al., 1974). As pastagens dos campos do Amapá são de excelente qualidade, destacando-se a ocorrência de *Leersia hexandra*, *Hymenachne donacifolia*, *H. amplexicaulis*, *Echinochloa polystachia* e *Oryza perennis*. Em locais com influência marítima observa-se a ocorrência da grama-preta (*Eriochloa* sp.) (Black,

1950; Dantas et al., 1983). Nas partes baixas, em locais sempre alagados, a vegetação tem maior porte e é composta por aninga (*Montrichardia arborescens*), tiriricão (*Scleria* sp.), buriti (*Mauritia flexuosa*) e piri (*Cyperus giganteus*) (Leite et al., 1974). Os criadores adotam um sistema ultra-extensivo deixando os animais sujeitos às variações estacionais das pastagens nativas. As propriedades não apresentam cercas divisórias e piquetes, não havendo controle da taxa de lotação e manejo das pastagens. A criação de bovinos caracteriza-se por um sistema migratório. Durante a estação chuvosa, os animais permanecem nas pastagens nativas dos cerrados, quando ocorre uma significativa perda de peso dos animais, devido à baixa capacidade nutricional das pastagens. No início do período seco, os campos inundáveis começam a secar dando lugar a extensas áreas de pastagens nativas de bom valor nutritivo, para onde os bovinos são transferidos. Nestas pastagens, os animais apresentam rápida recuperação obtendo ótimos índices de ganho de peso. Os bubalinos utilizam principalmente as pastagens da região dos lagos. No período das enchentes os tesos são utilizados como refúgio pelos rebanhos. Os búfalos vêm obtendo melhores índices zootécnicos, devido a sua melhor adaptação ao pastejo em áreas alagadas, consumindo durante o ano todo, pastagens de boa qualidade nutricional. A falta de um manejo adequado tem contribuído para o aumento da ocorrência de plantas invasoras, notadamente o algodão-bravo (*Ipomoea fistulosa*), a salsa (*Ipomoea asarifolia*) e dos mururés (*Eichornia* spp.), as quais predominam em áreas intensamente pastejadas, geralmente próximo aos currais (Mochiutti e Meirelles, 1994). Trabalhos realizados pela Embrapa Amapá constataram que as práticas de manejo restringem-se a transferência dos animais de uma região para outra; proteção contra animais selvagens e marcação. A mineralização não é utilizada e os poucos casos restringem-se ao sal comum. A estação de monta e o piquete maternidade não são utilizados e a desmama é natural. Entre os bovinos há uma tendência natural de aumento de parições no período de agosto a outubro, enquanto que para os bubalinos a concentração dos nascimentos ocorre de agosto a novembro. A vermifugação é realizada em algumas propriedades, no máximo duas vezes ao ano, principalmente nos animais jovens. Há uma grande incidência de verminose gastrintestinal e pulmonar, notadamente em animais jovens. A dispersão da brucelose é facilitada pela grande quantidade de água acumulada e promiscuidade dos animais, que transitam livremente de uma fazenda para outra. Os bubalinos têm apresentado maior resistência à aftosa, com sintomas mais brandos, além de recuperação mais rápida (Alves et al., 1992). A bacia leiteira do Amapá é inexpressiva, sendo o Estado dependente quase que totalmente da importação de leite em pó para o abastecimento local. Atualmente, a produção diária é um pouco superior aos 8 mil litros, o que proporciona uma produção anual de 3.062 milhões de litros (Bressan et al., 2002). A produção média diária por produtor é inferior aos 20 litros. O rebanho é formado por animais mestiços Girolandos, sendo a consagüinidade comum na maioria das propriedades. A produção média é de 3,0 litros/vaca/dia.

Conclusões

As pastagens nativas dos campos inundáveis devem continuar desempenhando um papel relevante no desenvolvimento da pecuária do Amapá. Apesar de serem ecossistemas frágeis, ecologicamente são mais estáveis, desde que submetidos a práticas de manejo adequadas. O estabelecimento de uma pecuária mais competitiva na região exigirá a adoção de um conjunto de medidas que viabilizem a exploração pecuária, tanto em bases agrônomicas quanto econômicas. A seleção de germoplasma forrageiro mais produtivo e adaptado às condições ecológicas da região; a utilização de práticas de manejo de solo (correção e adubação); a integração entre as pastagens nativas e cultivadas e o manejo reprodutivo e sanitário dos rebanhos são práticas que podem contribuir de forma significativa para o aumento da competitividade da pecuária, conciliando produtividade animal com sustentabilidade econômica, social e ambiental

Referências Bibliográficas

ALVES, R.N.B.; ALVES, R.M.M.; MOCHIUTTI, S. Diagnóstico da agropecuária amapaense.

Macapá: Embrapa-CPAF Amapá, 1992, 44p. (Documentos, 3).

ARIMA, A.; UHL, C. Pecuária na Amazônia Oriental: desempenho atual e perspectivas futuras. Belém: IMAZON, 1996. 44p.

BLACK, G.A. Notas sobre os tipos de vegetação de Oiapoque. Arquivos da Sociedade de Agronomia e Veterinária, Belém, v.2, n.4, p.15-24, 1950.

BRASIL. Aptidão agrícola das terras do Amapá. Brasília: BINAGRI, 1979. 80p.

BRESSAN, M.; BRESSAN, A.A.; FERNANDES, E.N. Indicadores do desenvolvimento da pecuária de leite no Brasil e em Rondônia. In: SEMINÁRIO REGIONAL DO AGRONEGÓCIO LEITE, 1., Ji-Paraná, 2001. Anais... Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2002, p.37-48 (Documentos, 59).

CAMARÃO, A.P.; SOUZA FILHO, A.P. Pastagens nativas da Amazônia. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1999.150p.

CAMARÃO, A.P.; SERRÃO, E.A.S.; MARQUES, J.R.F.; RODRIGUES FILHO, J. Avaliação de pastagens nativas de terra firme do médio Amazonas. Belém: Embrapa-CPATU, 1996. 19p. (Boletim de Pesquisa, 169).

DANTAS, M.; RODRIGUES, J.A.; CONCEIÇÃO, M.C.A. Avaliação do potencial dos campos do Amapá e Marajó para fins agropecuários. Belém: Embrapa-CPATU, 1983. 3p. (Pesquisa em Andamento, 99).

JUNK, W.J. Aquatic of the Amazon system. In: DAVIES, B.R.; WALKER, K.F. eds., The ecology of river systems. Dordrecht, 1986. p.319-337.

LEITE, P.; VELOSO, H.P.; GOES FILHO, L. As regiões fitoecológicas, sua natureza e seus recursos econômicos: estudo fitogeográfico. Brasília: DNPM, 1974. p.3-83.

LIMA, R.R. Várzeas da Amazônia brasileira e sua potencialidade agropecuária. In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., Belém 1984. Anais... Belém: CPATU, 1986, v.6. p.141-164. (Embrapa.CPATU. Documentos, 36).

MOCHIUTTI, S.; MEIRELLES, P.R.L. Utilização das pastagens nativas do Amapá. In: UTILIZACIÓN Y MANEJO DE PASTIZALES, PUIGNAU, J.P., ed., Montevideo: IICA, 1994. p.127-133.

PERES, R.N.; SERRUYA, N.M.; VIEIRA, L.S. Levantamento exploratório de solos. In: BRASIL, DNPM. Projeto RADAM. Folha NA/NB 22. Macapá: geologia, geomorfologia, solos, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1974. p.1-120.

SERRÃO, E.A.S. Pastagens nativas do trópico úmido brasileiro: conhecimentos atuais. In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., Belém 1984. Anais... Belém: CPATU, 1986, v.5. p.183-205. (Documentos, 36).

SERRÃO, E.A.S.; SIMÃO NETO, M. The adaptation of forages in the Amazon region. In: AMERICAN SOCIETY OF AGRONOMY, Madison, USA. Tropical forages in livestock production systems. Madison, 1975. p.31-52. (ASA.Special Publication, 24).

SERRÃO, E.A.S.; FALESI, I.C. Pastagens do trópico úmido brasileiro. In: SIMPÓSIO SOBRE MANEJO DE PASTAGENS, 4., Piracicaba, 1977. ESALQ.

SILVA, B.N.R. Sinopse sobre o estado atual do conhecimento dos recursos do trópico úmido brasileiro. In: UTILIZACIÓN Y MANEJO DE PASTIZALES, PUIGNAU, J.P., ed., Montevideo: IICA, 1994. p.83-99.

Newton de Lucena Costa - Embrapa Roraima